

## ***O nascimento de um teatro e o alvorecer de vários intérpretes,***

por Fábía Pierangeli<sup>36</sup>

**Resumo:** Este é um artigo que apresenta o relato de uma “cidadã-artista” que nasceu, cresceu e vive na periferia paulistana. Trata-se de um relato que narra a trajetória de sete anos de atuação do Teatro Girandolá, grupo de teatro que mantém sede artística em Francisco Morato, um dos municípios mais pobres do Estado de São Paulo, e que encontrou no fazer teatral uma forma de dialogar com sua comunidade, com seus conterrâneos e contemporâneos.

**Palavras-chave:** teatro, trajetória, transformação, cidadania, encontro, parceria.

**Abstract:** This is an article that presents a report of a “citizen-artist” who was born, grew up and lives in the poorer outskirts of town. This is a narration that tells the story of seven years of operation of Girandolá Theatre, theater group that holds artistic headquarters in Francisco Morato, one of the poorest counties in the state of São Paulo, and that found the way to make a theatrical dialogue with their community, with their countrymen and contemporaries.

**Keywords:** theater, history, processing, citizenship, meeting, partnership.



Foto de Fábía Pierangeli. Teatro Girandolá. Gilberto Araújo em *Ara Pyau - Liturgia para o povo invisível*.

<sup>36</sup> Graduou-se no Instituto de Artes da UNESP, no curso de Educação Artística - habilitação em Artes Cênicas, em 2006. Em 2007 fundou, ao lado de outros artistas, o Teatro Girandolá. Atualmente dedica-se a elaborar, desenvolver e produzir projetos artísticos em Francisco Morato/SP.

um povo que vive em *Dó*  
um lugar que avança em *Ré*  
um poeta que desatina  
um padre que reza em *Mi*  
um pastor que ora em *Fá*  
um coro que desafina  
um esgoto aberto em *Sol*  
um saneamento que não tem *Lá*  
uma ameaça em cada esquina  
um político que pensa em *Si*  
um ególatra em *Tom Maior*  
um vício que contamina

um estado de Saúde em *Dó*  
um transporte público em *Ré*  
um descaso que alucina  
um comércio que grita em *Mi*  
um trânsito que berra em *Fá*  
uma balbúrdia que fascina  
uma sobrevida ao Sol  
um sonho da casa em *Lá*  
uma angústia em surdina  
uma incosequência em *Si*  
uma revolta, *ma non tropo*  
um conformar-se com a sina

rogo aos céus que algo, enfim, aconteça,  
para que os que por ali convivem nessa  
cidade-dormitório

possam, ao menos, potencializar seus bons sonhos  
André Arruda (*Ode a um certo povoado tido como  
cidade dormitório*).

O Teatro Girandolá nasce em 2007, no município de Francisco Morato, Estado de São Paulo, e não há como contar sua história sem olhar para os anos que antecederam o seu nascimento... Creio que alguns fatores foram determinantes para esse nascimento e o primeiro deles está intimamente ligado com a história de vida de cada uma das pessoas que o idealizou e fundou: quatro jovens, três que cresceram em Francisco Morato, um que cresceu em uma pequena cidade do interior paulista. Ambos, começaram a fazer teatro ainda na adolescência, em projetos sociais e encontraram nesse fazer um caminho para compreender e dialogar com a realidade que os cercava.

Em 2007 esses jovens se (re)encontram, num momento de muita angústia, em que parecia praticamente impossível encontrar, na cidade

de Francisco Morato, um espaço para a criação, e esse é o segundo (e não menos importante) fator determinante para o nascimento do grupo, a cidade.

Francisco Morato é um jovem município, com 49 anos de emancipação político-administrativa, situado a 45 km da capital paulista, com uma população de aproximadamente 165 mil habitantes, um dos maiores índices de vulnerabilidade social e um dos menores índices de desenvolvimento humano do Estado. Em Francisco Morato não existem equipamentos públicos de cultura ou lazer; não existem teatros, centros culturais, cinemas, bibliotecas, praças, parques. Em Francisco Morato não existem políticas públicas para a cultura (nem para a saúde, educação, habitação, desenvolvimento social etc. etc. etc.), um lugar onde falta tudo, inclusive espaço para sonhar! O município é considerado uma cidade-dormitório, onde a maioria da população, por não encontrar formas de buscar meios que permitam sua sobrevivência, se vê obrigada a buscar trabalho na capital paulista, permanecendo, dessa maneira, muito tempo longe do local onde mora. Jornadas de 2 a 3 horas de locomoção para chegar ao trabalho, somadas às horas de jornada do trabalho mais outras 2 ou 3 horas para voltar para a casa, fazem de Francisco Morato um lugar de passagem. Quem permanece na cidade são, em sua maioria, velhos e crianças, estas geralmente cuidadas por si mesmas; é comum que irmãos mais velhos cuidem dos mais novos, logo, é comum que as crianças moratenses abandonem muito cedo suas infâncias.

E é diante desse quadro, repleto de ausências materiais e imateriais, que o Teatro Girandolá nasce e começa a atuar. A princípio, como um grupo de pesquisa da linguagem teatral para crianças, mas que logo percebe que a busca de um espaço de criação, naquele contexto, só faz sentido se esse espaço for também de diálogo e se dele surgirem ações que possam, de alguma forma, virar ferramentas que auxiliem na busca de possibilidades de transformação. A criação de obras autorais e o processo colaborativo, entendido como um processo que busca substancialmente a horizontalidade nas relações, aponta o caminho pelo qual aqueles quatro jovens decidem seguir.

Logo em seu primeiro ano de existência, além do trabalho em sala de ensaio para a criação de seu primeiro espetáculo, o grupo começa a se articular e a fazer contato com outros realizadores culturais que, solitários em suas comunidades, realizam suas ações. Desses contatos, surge o desejo de realização de um encontro, onde se pudesse trocar ideias e quiçá

vislumbrar ações que pudessem transformar aquela árida realidade cultural, de onde parecia impossível brotar qualquer semente, que pudessem criar raízes e quem sabe um dia florescer em qualquer tipo de atividade artística ou cultural, naquele lugar.

Era junho de 2007, quando o Teatro Girandolá decidiu chamar o 1º Fórum de Cultura de Francisco Morato, que num domingo frio e chuvoso de inverno, reuniu cerca de 60 pessoas. Naquele dia, desabafamos todos. Falamos de nossas angústias, da tristeza que sentíamos por ver nossa cidade daquele jeito, mas principalmente da vontade que tínhamos de fazer daquele lugar, um lugar diferente. Nesse Fórum, encontramos muitos outros pares, e desse encontro surgiu um movimento que batizamos de Morateia Desvairada. Fóruns setoriais, encontros semanais, realização de mostras, de festivais, caminhadas pela cultura, tentativas de diálogo com o poder público (quase sempre malsucedidas), criação e eleição do Conselho Municipal de Cultura. De 2007 a 2010, um intenso movimento de articulação e de parcerias vai começando a colorir as ruas e espaços da nossa cidade-dormitório.

Paralelamente a tudo isso, estreamos, em 2008, nosso primeiro espetáculo, o *Conto de todas as cores*, um trabalho que fala da infância num lugar onde ela é perdida muito cedo. Com esse espetáculo, que é apresentado até hoje, realizamos muitas apresentações na cidade, atendemos quase toda a rede de alunos da Educação Básica e é com ele que, em 2009, conquistamos nosso primeiro prêmio via edital de chamamento público, o Proac (Programa de Ação Cultural da Secretaria de Estado da Cultura), de circulação de espetáculos pelo Estado de São Paulo. Esse prêmio chega como uma espécie de injeção de ânimo. Encontramos nele uma possibilidade de potencializar nossos projetos e um caminho para buscar recursos que pudessem ser diretamente aplicados na área da cultura e melhor, um recurso que podia ser administrado por nós mesmos, que tínhamos certeza de que chegaria em forma de ações para nossa comunidade.

E essa não foi a única injeção de ânimo que ganhamos em 2009... Nesse mesmo ano criamos o “Girandolá Recebe...”, um projeto de formação de público para as artes, onde recebemos mensalmente uma atividade artística oferecida gratuitamente (na maioria das vezes) ou a preços populares, e inauguramos nossa sede, o Espaço Girandolá, uma sala de ensaios e atividades com 70m<sup>2</sup>, construída pela minha mãe, no quintal da minha casa e que nos possibilitou um baita espaço de exercício

de autonomia e nos iniciou num caminho de busca pela autogestão. A inauguração do Espaço Girandolá tem um outro aspecto muito importante na nossa trajetória, pois ele passa a abrigar, além das nossas ações, ações de nossos parceiros. Inauguramos o Espaço e logo ele passa a ser coabitado por mais um grupo de teatro, o Teatro em Carne & Osso, e pela Ôxe! Produtora Comunitária.

O Teatro em Carne & Osso é um grupo formado por jovens que saíram, em 2006, de uma oficina de teatro de um projeto social da Prefeitura de Franco da Rocha, cidade vizinha de Francisco Morato. A Ôxe! Produtora Comunitária é um núcleo que se dedica às questões ligadas à gestão e produção cultural.

E é dessa coabitação que algum tempo depois (2012), nasce a Associação Cultural ConPoeMa, que hoje é a representante legal e protege, debaixo do mesmo guarda-chuva, as 3 iniciativas (Teatro Girandolá, Teatro em Carne & Osso e Ôxe! Produtora Comunitária). A ConPoeMa desenvolve projetos nas áreas de teatro, música, artes visuais, literatura, formação artística e cultural, produção cultural, sempre agregando diversos parceiros.

Nessa nossa trajetória, podemos afirmar, com muita certeza, que os encontros que tivemos foram essenciais e criaram, a nossa volta, uma rede de parcerias extremamente significativas, que nos fortalecem e nos fazem continuar seguindo em frente. Podemos afirmar também, que desde muito cedo percebemos que só criar e produzir espetáculos teatrais não nos satisfazia. Queríamos sim, e muito, fazer teatro, mas antes de tudo, queríamos dialogar com nossa comunidade, queríamos falar e transformar em arte, em poesia, tudo aquilo que vivíamos, tudo aquilo que nos incomodava. E mais: além de falar, queríamos encontrar alternativas que de alguma forma pudessem transformar a nós mesmos, aos nossos pares, aos nossos vizinhos, aos nossos governantes... Por isso, desde o princípio, nossa atuação artística sempre esteve ligada ao nosso exercício de cidadania. Por isso, em 2010, criamos o espetáculo “Aruê!”, que traz à luz questões ligadas à violência contra a mulher, à prostituição, aos cultos afrodescendentes; e também criamos, junto com a Ôxe! Produtora Comunitária, o Oxandolá [In] Festa, Festival de Artes Integradas, que acontece anualmente em comemoração ao aniversário das duas iniciativas que o criaram (Ôxe + Girandolá = Oxandolá) e vem, ano após ano, se transformando em paradigma no que se refere à profissionalização dos realizadores culturais de nossa cidade. Por isso, em 2012, estreamos nosso terceiro espetáculo, fruto de uma pesquisa desenvolvida em parceria com

uma comunidade Guarani Mbyá que vive muito próxima da nossa cidade. E ainda, é por isso que atualmente estamos criando um novo espetáculo que tem a história do Hospital Psiquiátrico do Juquery e a formação da nossa região como tema.

Se isso gerou uma nova realidade em Francisco Morato? Não, ainda não, mas a passos pequenos e curtos, um após o outro, entre acertos e desacertos, nos percebemos trilhando um caminho que já não levanta mais tanta poeira e nos permite vislumbrar um outro cenário, que ainda está distante, mas que acreditamos que podemos alcançar e... Nesse caminho... Ah, nesse caminho... já vemos desabrochar algumas flores, que alegram e perfumam parte de nossas almas.

### **Referências bibliográficas:**

- CHAGAS, Cassiele Arantes de Moraes. *A periferização da pobreza e a degradação sócio-ambiental na Região Metropolitana de São Paulo, o caso de Francisco Morato*. São Paulo/SP. Dissertação (de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) apresentado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo: Universidade de São Paulo, 2007.
- ARRUDA, André. *Das coisas, outras*. São Paulo: Scortecci, 2013.